tos que compõem a escrita. Tal decodificação passa pela memorização do alfabeto, reconhecimento das letras e ligação entre sílabas.

O letramento é um pouco mais profundo do que a alfabetização. Este corresponde à interpretação e o domínio da língua e, não apenas à decodificação dela. Quando o educando se torna capaz de entender um texto, interpretar uma história, falar com clareza e se expressar de forma eficaz por meio das palavras empregadas por ele, então é um indivíduo letrado.

Alfabetizar letrando é ensinar o aluno a ler e a produzir textos em uma situação real de comunicação, que pressupõe algo que se quer comunicar a um interlocutor real com objetivos específicos dentro de um determinado tema. Assim sendo, é necessário organizar o trabalho pedagógico para que os alunos experimentem e vivenciem a prática da leitura e da produção de textos diversos em sala de aula.

**REFERÊNCIAS**


ALBUQUERQUE, Eliana B. C. et al. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. Lei Federal nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da ação social. Coordenadoria Nacional Para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: MAS/CORDE, 1994.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; STROBEL, Karin. Fundamentos da Educação de Surdos. Florianópolis: UFSC, 2006.

SOARES, M. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, E. A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.p.49-73

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n.25, jan.-abr./2004.


## AS HISTÓRIAS INFANTIS E AS ANÁLISES PSICOPEDAGÓGICA


MICHELY FELIX SILVA



**RESUMO**

Esse artigo vem buscar reflexões a respeito das contações de histórias sobre a perspectiva uma análise psicopedagogica. Pensar o conto de tradição oral como instrumento de trabalho na área da educação, da psicopedagogia, da psicoterapia, da arteterapia, na atualidade, pode causar certa estranheza, já que estamos num tempo onde se procura sufocar qualidades como a memória e os saberes de antigamente, afinal estamos na era das máquinas, dos computadores e, consequentemente, a habilidade do ouvir e do contar histórias, ficou para trás. Mas, falar em memória, significa falar do encontro entre a memória e a tradição social efetuada pelo exercí-

cio da oralidade; significa também reavivar e atualizar a memória social de um povo, bem como abrir as vias de acesso a uma cultura autêntica do conto; uma cultura de transmissão de ensinamentos através da palavra falada. Esse é um desafio que vem nos cercando. Nossas vidas estão cheias de máquinas, de mídia, de televisão e carentes de histórias, bem como de contadores, com eloquência

para fazê-lo.

**Palavras-chave:** Desafio; Memória; Tradição Oral.

## INTRODUÇÃO

Os estudiosos descobriram que as histórias têm uma forte influência na compreensão das crianças sobre os papéis culturais e de gênero. As histórias não apenas desenvolvem a alfabetização das crianças; eles transmitem valores , crenças, atitudes e normas sociais que, por sua vez, moldam as percepções das crianças sobre a realidade.

Histórias - sejam contadas por meio de livros ilustrados, dança, imagens, equações matemáticas, canções ou recontagens orais - são uma das formas mais fundamentais de nos comunicarmos.

Quase 80 anos atrás, Louise Rosenblatt , uma estudiosa da literatura amplamente conhecida, afirmou que nos entendemos por meio da vida de personagens de histórias. Ela argumentou que as histórias ajudam os leitores a entender como os autores e seus personagens pensam e por que agem dessa maneira.

As histórias ajudam as crianças a desenvolver empatia e a cultivar o pensamento imaginativo e divergente - ou seja, o pensamento que gera uma gama de ideias e / ou soluções possíveis em torno dos eventos da história, em vez de buscar respostas únicas ou literais.

As probabilidades são de que seus momentos memoráveis também tenham a ver com histórias - não com teorias ou definições ou datas, mas com uma narrativa que se desenrola, completa com suspense, drama ou humor, ou talvez uma anedota pessoal compartilhada por um professor favorito. Claro, uma narrativa de sala de aula pode estar ligada a uma grande descoberta, estudo ou figura da psicologia, mas nem sempre é a importância da descoberta por si só que permite que ela permaneça atualizada ao longo dos anos. Em vez disso, os meios de apresentar as informações podem torná-las emocionantes e inesquecíveis.

O poder das histórias é reconhecido há séculos e, ainda hoje. As histórias são um modo natural de pensar; antes do início de nossa educação formal, já estamos aprendendo com as fábulas, contos de fadas ou história da família de Esopo. Na verdade, alguns pesquisadores chegaram a afirmar que todo o conhecimento vem na forma de histórias. Embora essa forte afirmação tenha sido questionada, é geralmente aceito que as histórias são uma estrutura poderosa para organizar e transmitir informações e para criar significado em nossas vidas e ambientes, por esse motivo a psicopedagogia pode trabalhar com a contação de histórias, dessa forma a análise da criança se torna mais significativa.

O que é uma história? Em essência, um relato narrativo requer uma história

que levanta questões não respondidas ou conflitos não resolvidos; os personagens podem encontrar e então resolver uma crise ou crises. Uma linha de história, com começo, meio e fim, é identificável. Nas palavras de Bruner (1986), "[a narrativa] trata de intenções e ações humanas ou semelhantes às humanas e as vicissitudes e consequências que marcam seu curso. Ele se esforça para colocar seus milagres atemporais nas particularidades da experiência e localizar a experiência no tempo e no lugar. " As histórias podem dar vida a princípios abstratos, dando-lhes uma forma concreta. Nem sempre podemos dar aos alunos experiência direta com conceitos psicológicos, mas as histórias podem chegar perto.

Uma história tende a ter mais profundidade do que um exemplo simples. Uma história fala sobre algum evento - alguns indivíduos em particular e algo que acontece com eles. As histórias envolvem nosso pensamento, nossas emoções e podem até levar à criação de imagens mentais. Indivíduos que ouvem histórias reagem a elas quase automaticamente, participando, de certo modo, da ação da narrativa. Usar todos esses sistemas no material do curso ajuda o aprendizado do aluno.

## O IMAGINÁRIO DOS CONTOS DE FADAS NA VISÃO INFANTIL

Uma história é capaz de emocionar e de surpreender o ouvinte pela forma como é contada.

Sabe-se que as crianças vivenciam na instituição escolar experiências significativas e duradouras.

A leitura de contos de fada é uma dessas experiências que contribuem para a permanência do gosto pela literatura para além da infância. Daí a importância de propiciar à criança oportunidades de ouvir muitas histórias, que podem ser lidas ou contadas de memória.

Por meio da leitura dos Contos de Fadas pode-se perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

Nos contos de fadas as crianças começam a ter a percepção de que seus medos e incertezas vão se tornando menores de acordo com o educador que as faz refletir sobre os mesmos, as suas relações sociais vão ficando com conflitos menores, devido a momentos de conversa dos combinados da turma, como regras de convivência e respeito.

O amor vai surgindo por meio do respeito ao próximo, das atitudes altruístas e de carinho. Dessa forma, a criança vai notando que a amizade é uma conquista fundamental para seu cotidiano.

Os contos de fadas ajudam as crianças a trabalharem com sentimentos de angustias e frustrações. Por meio deles as crianças começam a perceber que coisas ruins podem acontecer na vida de uma pessoa e podem ser passageiros, pois sempre há uma pessoa boa, que para eles pode ser a fada, para auxiliar na resolução dos problemas, como a mãe, avó, tia ou mesmo a professora.

As Histórias e os Contos guardam a

estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolização. Dessa forma, pode-se dizer que contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, sobretudo, o desejo de narrar os sonhos, indícios de uma vida imaginária mais intensa.

Percebe-se que quando a criança ou até mesmo o adulto lê ou escuta uma história vivencia experiências diversas e dá início a imaginação, fazendo uma interlocução entre a história e sua vida real.

As histórias e os contos de fada contribuem com o processo ensino aprendizagem e na cultura brasileira existe uma influência muito grande.

Por meio dos contos de fada pode-se observar problemas interiores dos indivíduos, fundamentalmente, das crianças e suas atuações em qualquer sociedade.

As crianças ao lerem/escutarem Histórias entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois ao se identificarem com os personagens podem avaliar as situações de uma forma mais distanciada. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos identificando-se com os personagens, os contos possibilitam a criança ver-se “de fora” da situação, com um olhar mais distanciado pode-se melhor perceber o problema posto e as sugestões para a solução.

Temos que ter em mente que ao analisar os significados dos contos, pode haver um apego demasiado a alguns aspectos não existentes em relatos mais antigos.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou deixar que ela o leia sozinha é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o universo infantil, uma vez que servem como mediação entre a criança e a realidade, atuando na resolução de conflitos e na estruturação da personalidade, através dos simbolismos representados pelos personagens.

A inclusão de elementos mágicos, personagens à procura de tesouros, heróis com poderes diversos, entre outros, desperta a curiosidade da criança para o mundo literário, indo além de uma simples história, e sim podendo trabalhar com os aspectos emocionais de cada indivíduo.

De acordo com Corso (2006, p. 29):

A transformação dos contos de fadas em relatos bem comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta.

Segundo Coelho (2000), a obra mais famosa de Perrault foi intitulada “Os Contos da Mãe Gansa”, sendo que esta era uma personagem (Mère l’Oye) de velhos contos populares, muito familiares aos franceses: sua função era contar histórias para seus filhotes fascinados.

Com a publicação dos oitos Contos da Mãe Gansa, nascia a Literatura infantil, que hoje conhecemos como clássica. Pela primeira vez são publicados A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar, todos eles

são originários dos antiqüíssimos lais1 ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, com o tempo, transformações e fusões com textos de outras fontes, já haviam perdido seus significados originais. (COELHO, 2000, p.68)

Schneider (2008) traz outras características encontradas nos contos de Andersen, que o consagram hoje como o pai da literatura infantil: “a literatura assinala três importantes vértices que tornam a obra de Andersen inédita: a criança retratada por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e histórias nas quais o papel principal é ocupado por uma criança.” (2008, p.137).

Coelho (1998, p.78) finaliza afirmando que: “Enfim, sente-se, em todos os contos de Andersen, o esforço de racionalização do imaginário, em benefício de um mundo real mais gratificante para todos os homens.”.

Os antigos modelos autoritários, no qual a criança é apenas o receptor passivo de normas, devem dar lugar às literaturas emancipatórias, que proporcionam à criança um papel ativo, e busca desenvolver e estimular sua criticidade para que venha a se tornar um sujeito transformador. A literatura leva a criança a se questionar sobre a sua condição no mundo, considerando-se que a consciência do mundo se dá a partir do momento em que a criança consegue estabelecer uma relação com o livro e, a partir deste, construir um sentido para a sua realidade. É importante lembrar, no entanto, que, no caso da literatura infantil essa mediação, entre o leitor e o livro, pode ser realizada por um adulto leitor.

## OS CONTOS DE FADAS E O PSIQUISMO

As histórias mais conhecidas hoje foram coletadas e registradas por entusiastas como os irmãos Grimm, ETA Hoffman e Hans Christian Andersen. Ao fazê-lo, codificaram contos que sempre estiveram em fluxo, passando de contador em contador, adquirindo e perdendo detalhes como em um jogo de telefone. Mas, uma vez que existiram na forma escrita, tornaram-se textos que os estudiosos podiam analisar e, para Freud e Jung, eram tão produtivos quanto a galinha dos ovos de ouro.

Ambos os homens tinham suas teorias sobre por que essas narrativas ressoam tão profundamente na psique humana. Para Jung, seus personagens são arquétipos, e o motivo pelo qual podem parecer unidimensionais é que cada um representa diferentes facetas de nossa personalidade. Para Freud, os contos de fadas originavam-se do mesmo lugar que os sonhos, e motivos como florestas e espinhos indicavam desejos reprimidos e fantasias de realização de desejos. Freud sendo Freud, estes são frequentemente de natureza sexual.

Seu pensamento influenciou fortemente o teórico psicanalítico Bruno Bettelheim, cujo livro The Uses of Enchantment se tornou um sucesso no final dos anos 1970. Nele, ele descreve como a floresta em Os dois irmãos “simboliza o lugar em que a escuridão interior é confrontada e trabalhada; onde a incerteza é resolvida sobre quem é; e onde se começa a entender quem se quer ser. Desde os tempos antigos, a floresta quase impenetrável na qual nos perdemos simboliza o mundo

escuro, oculto e quase impenetrável de nosso inconsciente. ”

Bettelheim, que também encontrou os complexos de Édipo e Electra em Branca de Neve e A Bela Adormecida, sugeriu que Jack e o Pé de Feijão tratava de masturbação e viu a inveja do pênis e a ansiedade de castração destacadas em Cinderela.

As diferentes teorias psicanalíticas podem ser agrupadas em várias escolas de pensamento. Todos estes diferem uns dos outros, mas quase todos colocam ênfase no forte poder manipulativo dos elementos inconscientes que tem na mente ou na vida mental das pessoas. A teoria topográfica é derivada da obra de Freud “a interpretação dos Sonhos (Freud, 1896).

A psicologia do ego sugerida pela primeira vez por Freud em seu trabalho de inibições, sintomas e ansiedade (1926) e refinada e desenvolvida por Hartmann, Kris e Loewenstein sugere que o ego é autônomo e que as funções mentais são independentes da origem. Essas funções são: o controle motor, percepção sensorial, pensamentos lógicos, abstração, habilidade adaptativa, julgamento sobre o perigo, pensamentos simbólicos, tomada de decisão executiva, concentração, orientação, fala e autopreservação entre outras (Zipes, 1993). A inibição é apontada por Freud como um método que pode ser usado pela mente para interferir nessas funções a fim de evitar emoções dolorosas. No entanto, déficit e atraso ocorrem em tais funções. Por exemplo, Esquizofrenia é caracterizada com o déficit ou a incapacidade de organizar pensamentos.

Psicanálise de Jacques Lacan: Integra a filosofia hegeliana, semiótica, com a psicanálise. Defende o retorno a Freud e enfatiza a necessidade da leitura da obra freudiana e não parcial. Sua obra diz respeito ao “palco do espelho”. Existem outros tipos de psicanálise como a psicanálise interpessoal, culturista, relacional, interpessoal - relacional, intersubjetiva e a psicanálise moderna.

“Embora a fantasia seja “irreal”, os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmos e nosso futuro são “reais”, e estes bons sentimentos reais são o que necessitamos para sustentar-nos”. (BETTELHEIM, 2000, p. 157).

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO UNIVERSO INFANTIL

Contar uma história é diferente de ler uma história, e na escola há espaço para as duas práticas. O contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público. Já o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor.

Todo professor pode se tornar um contador de histórias. No início, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Aos poucos, ele vai se apropriando das narrativas e começa a querer contar aquelas de que mais gosta. Cada contador, usando suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias – e começa a dar vida a elas. Algumas sugestões são importantes para quem deseja se aventurar pela arte de contar histórias: é recomendável uma leitura prévia minucio-

sa do conto, buscando apreender o sentido mais profundo, ou seja, buscando compreender a sua essência; é interessante, também, que se faça uma divisão do conto em cenas ou partes principais, e que se identifique a estrutura da narrativa; por fim, é bom conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam na sequência narrativa.

Por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Caldin (2001, p. 32):

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo.

Percebe-se que os contos de fadas são influenciados pela política que o país vivencia, sendo também uma forma de expressar opiniões em forma de metáforas para denunciar os governos.

Segundo Coelho (1991, p.57):

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil.

Monteiro Lobato foi o autor que deu início à literatura infantil, criando mundos e seres imaginários, por meio das aventuras de seus personagens, sempre instigando a imaginação das crianças que têm contato com suas obras até os dias atuais.

De acordo com Turchi (2009, p. 14):

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Portanto, atualmente a literatura preserva seus elementos da narrativa dos contos de fadas, mostrando uma preocupação com os problemas da vida cotidiana por meio dos livros, que são adaptados às necessidades sociais.

## A SALA DE AULA E A IMPORTÂNCIA DE SE CONTAR HISTÓRIAS

A sala de aula inadvertidamente torna-se um lugar onde cada criança é

julgada com base em sua capacidade de realizar tarefas definidas pelos professores. Em tal cenário, a experiência de ouvir uma história é um grande equalizador. Os ouvintes podem participar plenamente, sem medo de serem julgados ou ridicularizados. As histórias aumentam sua motivação para aprender e sua receptividade para aprender.

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactante leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo à saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial. (COELHO, 1998, p. 14).

Uma comunicação eficaz envolve não apenas a fala, mas também uma boa capacidade de escuta. Existem vários processos mentais simultaneamente trabalhando enquanto ouve. Quando uma criança cresce ouvindo histórias, o amor pela linguagem e a riqueza de seu uso se desenvolvem naturalmente, melhorando a compreensão, vocabulário, gramática, pronúncia, sequenciamento e habilidades associadas. No silêncio que cai enquanto uma criança ouve uma história sendo contada, ela está intensamente focada em formar imagens mentais e armar seu próprio aprendizado, conectando os pontos de conhecimento prévio, experiência e seu próprio

raciocínio. Habilidades sociais, persistência, engajamento, como falar alternadamente, como ouvir os outros com eficácia, como ler nas entrelinhas, são todas habilidades que são aprimoradas ouvindo histórias regularmente.

Ao se envolver com os personagens das histórias e da narrativa, as crianças são capazes de apreciar pontos de vista diferentes dos seus e desenvolver sensibilidades mais refinadas. Eles começam a apreciar a bondade, o humor, a bravura e a beleza dos personagens das histórias antes de realmente experimentar e conhecer essas qualidades. Um senso de estética também começa a se desenvolver. À medida que nos tornamos uma sociedade mais intolerante e dividida, há uma necessidade urgente de inculcar esses valores nas crianças, e eles não podem ser ensinados como parte do currículo explícito. Contar histórias é uma maneira tradicional de fazer isso naturalmente.

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento de espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo deve ter a sua disposição e boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio de comida pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (MACHADO, 2002, p. 15).

As histórias criam magia e um sentimento de admiração pelo mundo. As histórias nos ensinam sobre a vida, sobre nós mesmos e sobre os outros. Contar histórias é uma maneira única de os alu-

nos desenvolverem uma compreensão, respeito e apreciação por outras culturas e pode promover uma  atitude positiva para pessoas de diferentes terras, raças e religiões.

Por meio de histórias, vemos como pessoas muito diferentes compartilham as mesmas experiências de vida e como a natureza humana pode transcender a cultura.

A narração de histórias traz o aprendizado do idioma à vida e cria uma experiência participativa e imersiva que permite que os jovens aprendizes gostem de ouvir o idioma de uma forma dinâmica, às vezes estilística e divertida. A participação usando vocabulário e frases chave pode criar uma consciência de ritmo e estrutura. Esta atmosfera de jogo e expressão criativa cria um apetite por experiências mais semelhantes. Os alunos que gostaram de contar histórias em sala de aula muitas vezes pedem mais histórias e também se sentem motivados e encorajados a criar e contar, representar ou ilustrar suas próprias histórias de várias maneiras.

O ato de contar histórias apela a diferentes preferências de aprendizagem e personalidades, garantindo que, do mais tímido ao mais ativo dos alunos, todos tenham a chance de participar de uma forma que possam desfrutar. Isso vai desde ouvir em silêncio até participar como ator.

... o texto literário extrai dos processos histórico-político-sociais uma visão da existência humana que transcende o tempo de sua concepção e instiga o leitor sob forma de perguntas que o levam a analisar seu próprio tempo. Como resultado da interação receptiva e criadora do autor diante das práxis literária e diante do mundo, o texto exige, pois, para instituir-se, a recuperação ativa e criadora do leitor, ela transmite dos princípios constitutivos próprios do texto para o contexto extraliterário; do mundo da significação textual, para o sentido do mundo. (SARAIVA, 2001, p. 27)

A narração de histórias também ajuda os alunos a aproveitar e estar atentos à entonação e tom de voz, expressões e frases que soam naturais, bem como a interação entre falantes nativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de fadas parece mesmo imortal. De mito primitivo, passando pela leitura poética dos celtas, tornando-se violento na Idade Média e modelo exemplar no século XIX, constitui hoje a literatura que a criança recebe da mãe, na hora de dormir. É o enredo inspirador para inúmeros filmes e desenhos animados na tevê.

As crianças, à medida que se desenvolvem, devem aprender passo a passo a se entenderem melhor, e com isso tornam-se mais capazes de entender os outros, propiciando uma interação satisfatória e significativa. Para que esse desenvolvimento ocorra, as histórias devem ser bem contadas de forma que despertem o interesse das crianças.

Assim, por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados. Vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas através das histórias contidas nos contos numa linguagem sim-

ples que fornece sentidos em qualquer idade.

Os contos de fada nos trazem informações de tempos antigos, no qual percebemos variados estilos de vida, criações, dentre outros, que permitem cada vez mais a evolução, passando de geração em geração.

A inclusão de elementos mágicos, personagens à procura de tesouros, heróis com poderes diversos, entre outros, desperta a curiosidade da criança para o mundo literário, indo além de uma simples história, e sim podendo trabalhar com os aspectos emocionais de cada indivíduo.

Conclui-se que a criança, quando participa, por meio da leitura, dessas histórias, acredita que os seus conflitos também podem ser solucionados da mesma forma, pois, ao se familiarizar com as questões apresentadas nos contos, ela entende melhor o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Além disso, as histórias oferecem novas dimensões à imaginação do pequeno, que ele não poderia descobrir verdadeiramente por si só, percebendo que as situações apresentadas são idênticas às suas, porém com a presença do maravilhoso, terminam sempre com a frase “e viveram felizes para sempre”. Isso permite que ela acredite no que o conto diz, já que a forma mágica e otimista de ver o mundo que a história apresenta está de acordo com a sua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ALLIENDE, Felipe. A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento. Felipe Alliende e Mabel Condemarín; trad. Ernani Rosa. 8. Edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

AZEVEDO, Célia Maria Perracini de; FABRE, Luzia Viviane. Ajude a criança a superar seus problemas psicológicos. Paraná: Pinha, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz

e Terra, 1979.

BRUNER, JS (1986). Mentes reais, mundos possíveis. Cambridge, MA:

Harvard University Press.

COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias

infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadasno

desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III,

n.7, maio/junho 2005.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

KUPSTAS Márcia. et al. Sete faces do conto de fadas. São Paulo: Moderna, 1993.

MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde

cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MACHADO, Ana Maria. Textura: sobre leitura e escritos. RJ. Nova Fronteira, 2002.